



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 16 | Nº. 31 | Jul./Dez. de 2024

Ronaldo dos Santos Leonel

Instituto Federal do Pará / IFPA.

ronaldo.dsleonel@aluno.uepa.br

RELATO SOBRE O PERÍODO DE AUTORITARISMO CIVIL- MILITAR EM UMA VERSÃO ALTERNATIVA DO BRASIL: Apropriação pública da história e a distorção digital da realidade

RESUMO

O revisionismo, tem sido utilizado como uma tática para diminuir a memória da Ditadura. Um exemplo é o filme "1964: O Brasil entre armas e livros" (2019). A análise da obra visa compreender como o discurso revisionista permitem que o público se conecte com a história, considerando o conceito de Cultura Histórica de Jörn Rüsen (1994). Acreditamos que o conteúdo normativo da narrativa desempenhou um papel crucial para a falta de solidez na pesquisa histórica apresentada no documentário.

Palavras-chave: Revisionismo; História; Ditadura Militar.

ABSTRACT

Revisionism has been used as a tactic to diminish the memory of the dictatorship. One example is the film "1964: Brazil between weapons and books" (2019). The analysis of the work aims to understand how the revisionist discourse allows the audience to connect with history, considering Jörn Rüsen's concept of Historical Culture (1994). We believe that the normative content of the narrative played a crucial role in the lack of solidity in the historical research presented in the documentary.

Keywords: Revisionism; History; Military Dictatorship.

Introdução

Nos anos recentes, a utilização do passado como um elemento cultural em diversas modalidades narrativas aumentou consideravelmente (Malerba, 2014; Meneses, 2019). Nesse contexto, a ampliação e a variedade das representações do passado na esfera pública têm suscitado novas reflexões, especialmente nas áreas da cultura industrial e da história (Rüsen, 2015).

Essa análise pode ser conectada à investigação sobre como a modernização favorece a difusão das narrativas históricas. Ao mesmo tempo, é importante observar a simplificação e a distorção dessas narrativas, que resultam em interpretações fragmentadas e apressadas do que já ocorreu.

Levando em conta essa temática, a História Pública surge como um domínio essencial para entender esse processo. Neste contexto, o conceito de História Pública é visto como um ambiente em que diferentes relatos sobre a utilização do passado em épocas recentes podem ser compreendidos e examinados em conexão com o público específico (Rodrigues, 2018).

Com o aumento do interesse por narrativas históricas como produto, a expansão dos meios de comunicação em massa representa ao mesmo tempo uma oportunidade e um obstáculo para a história. Em primeiro lugar, há a chance de ampliar o alcance da comunicação histórica, especialmente com a popularização da internet. Por outro lado, enfrentamos o desafio da massificação e modernização da comunicação e seus meios, o que acarreta o aumento do volume e da rapidez das informações compartilhadas, diminuindo a distância em relação ao passado (RÜSEN, 2011).

Dentro desse contexto, um dos assuntos que tem ganhado destaque tanto nas análises acadêmicas quanto em discussões públicas é o período da Ditadura Civil Militar (1964-1985). Na academia, tem se observado uma nova forma de abordagem adotada em alguns estudos sobre essa época, conhecida como revisionista, que busca amenizar o evento ao relativizar certas características (BAUER; NICOLAZZI, 2016). Nas mídias de massa, seguindo essa tendência revisora, têm surgido obras literárias e audiovisuais feitas por indivíduos sem especialização em história.

Um dos trabalhos analisados neste estudo é o documentário intitulado 1964: O Brasil entre armas e livros (2019), produzido pelo canal Brasil Paralelo e um dos vídeos mais populares sobre o assunto no YouTube. A reflexão inicial

aborda a influência das narrativas históricas presentes nessas produções culturais na visão histórica da sociedade, considerando o desafio apresentado pela comunicação de massa, conforme discutido por Rüsen (2011).

O foco está em como o filme constrói o sentido histórico, levando em conta as particularidades da linguagem cinematográfica (SOUZA, 2014) e o conceito de narrativa histórica (RÜSEN, 2007).

O objetivo deste artigo é analisar a consistência estética do documentário em relação ao seu conteúdo normativo, destacando os pontos de vista que buscam estabelecer uma conexão entre a narrativa e a vida prática do espectador, mesmo diante da fragilidade em termos de fundamentação histórica objetiva.

O texto está dividido em três partes distintas. No primeiro segmento, analisamos a Ditadura Civil Militar no Brasil, explorando diferentes interpretações e questionamentos no campo da historiografia. No segundo ponto, aprofundamos a discussão sobre os conceitos de cultura histórica e narrativa histórica, destacando os principais argumentos que embasam a análise da fonte utilizada nesta pesquisa.

Por último, na terceira seção, realizamos uma avaliação do livro "1964 – Entre Livros e Armas", examinando criticamente tanto os aspectos externos quanto internos da obra, com foco na abordagem revisionista / negacionista em relação à Ditadura, ressaltando os elementos estilísticos e retóricos que se sobressaem na sua narrativa.

Ao término do artigo, são apresentadas as conclusões finais contendo algumas sugestões para pesquisas futuras.

Interpretações e debates históricos acerca do período da Ditadura Civil-Militar

Abordar o período da Ditadura Civil-Militar no Brasil é mergulhar em um tema delicado e marcante da história do país. A dificuldade em reconhecer os atos violentos praticados pelo Estado e em unir as diferentes lembranças desse tempo que vão além do eixo Rio-São Paulo tornam o debate ainda mais sensível. No entanto, o governo tem realizado esforços significativos para resgatar a memória desse período, como em 2009, com a implementação do Terceiro

Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH 3), que apresentou diretrizes para a preservação de locais de memória ligados à Ditadura.

Em seguida, em 2011, a criação da Comissão Nacional da Verdade (CNV), teve como objetivo principal garantir o direito à memória, à verdade histórica e promover a reconciliação nacional.

Segundo Fico (2004), as primeiras pesquisas no Brasil acerca do período do Golpe Militar foram realizadas por especialistas em ciências políticas e sociais, enquanto no período do regime a produção historiográfica enfrentava obstáculos como a escassez de fontes disponíveis para estudo. No entanto, mesmo com essas dificuldades, foram feitas análises históricas sobre o tema por pesquisadores estrangeiros, como o historiador Thomas Skidmore (1966), que lançou um trabalho com destaque para os capítulos sobre o governo e a queda de Goulart.

Uma questão fascinante sobre os estudos conduzidos diz respeito ao enfoque interpretativo adotado. Naquele momento, a elaboração do conhecimento acadêmico foi influenciada pelo pensamento marxista e pela Escola dos Annales. Essas correntes se tornaram os principais referenciais de análise do período militar, o que resultou na valorização dos aspectos estruturais da economia e dos conflitos de classe, ao passo que as pesquisas que abordaram a esfera política se basearam no jornalismo e nas ciências sociais.

Contudo, a primeira abordagem, proveniente de diferentes campos do saber, resultou na cristalização de certos textos como registros aparentemente conclusivos e, por conseguinte, aceitos sem questionamentos como referências por estudiosos para embasar pesquisas futuras. Isso gerou um dilema, uma vez que não se levou em conta o aspecto estético, a narrativa singular do texto jornalístico na reconstrução desses diálogos e dessas histórias (FICO, 2004).

No entanto, à medida que os acervos de fontes disponíveis para pesquisa foram ampliados com a abertura dos arquivos públicos da ditadura, as produções desde a redemocratização, e mais claramente a partir de 2004, têm passado por uma transformação de "características" (FICO, 2017).

Demian (2009; 2012), caracterizou o revisionismo em relação à ditadura como um enfoque conciliador, no sentido de retratar os conflitos do regime como parte integrante do processo histórico do Brasil e que foram solucionados de forma pacífica entre militares e civis. O autor aponta como um marco inicial desse

revisão na historiografia sobre o regime a obra de Argelina Figueiredo, intitulada *Democracia ou reformas?* (1993), na qual tanto a direita quanto a esquerda tinham uma visão pragmática da democracia. Esse posicionamento foi desenvolvido pela autora, que argumentou que o aumento das atividades da esquerda no país resultou em um "consenso negativo" sobre a democracia. De acordo com Demian (2009; 2012), esse argumento foi adotado por outros historiadores, como Jorge Ferreira, Daniel Aarão Reis e Marco Antonio Villa, a partir dos anos 2000.

Essas polêmicas todas acabam destacando o revisionismo em relação à história da Ditadura Civil-Militar, que, ao contrário de uma renovação ou revisão histórica legítima, manipulou esse assunto delicado por motivos políticos, sem respeitar a ética e a precisão metodológica da pesquisa histórica. Portanto, mesmo que os argumentos apresentados em uma certa reinterpretação revisionista do passado se mostrem contraditórios e pouco convincentes, o próprio apelo emocional e impactante dos relatos sustenta a narrativa.

Cultura do passado e Relatos: fundamentos teóricos e potenciais de interpretação

As descrições históricas feitas por indivíduos comuns ou por estudiosos podem ser apresentadas em diferentes formatos, variando em grau de atratividade. Gêneros como filmes de ficção histórica, documentários, novelas ambientadas em épocas passadas, relatos pessoais, livros, podcasts e até mesmo vídeos no Youtube conseguem alcançar um amplo público em geral (LIDDINGTON, 2011). Com o avanço das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), a variedade de formas narrativas disponíveis para consumir produtos históricos também tem aumentado. No Brasil, é evidente que há um crescente e diversificado interesse pelo passado (MALERBA, 2014). E, como resultado, também vemos que ainda existem disputas em curso relacionadas à memória de acontecimentos traumáticos da história do Brasil.

Durante o período de 2017 a metade de 2018, a estudiosa Sônia Meneses (2019) identificou em sua publicação⁶ um total de 11 programas transmitidos na televisão aberta em diferentes épocas passadas. Além dos canais de TV aberta,

a pesquisadora também cita as produções dos canais History, H2, Discovery Civilization e outros do mesmo ramo. No entanto, tanto em canais abertos quanto fechados, atualmente todos esses conteúdos e outros produzidos exclusivamente para mídias online estão disponíveis de forma acessível na internet. Denominamos como História Pública esse ambiente peculiar para a teoria da história, onde os diversos usos do passado podem ser organizados e analisados em sua relação direta com o público-alvo (RODRIGUES, 2018).

Através da disseminação cada vez maior dessas histórias, como o exemplo da Brasil Paralelo, que buscam estabelecer falsas conexões com o objetivo claro de influenciar interpretações enviesadas sobre um determinado acontecimento histórico. Essas histórias não têm como prioridade a ética na produção do saber histórico, mas, de forma irônica, estão focadas apenas nas consequências políticas (MENEZES, 2019).

Dessa forma, surge um questionamento: a Cultura histórica representa o ápice na criação de significados, formado de maneira conjunta por diversas expressões da consciência histórica (RÜSEN, 2015). Além disso, conforme mencionado anteriormente, na era digital, diferentes narrativas com suas interpretações históricas individuais afetam a percepção, a emoção e as ações do indivíduo ao longo do tempo. Quando se analisa essa questão no contexto da linguagem cinematográfica, os elementos chave dessa forma de representação são: em primeiro lugar, uma forma de arte que procura reproduzir a realidade, e em segundo lugar, a recriação da realidade de maneira autêntica (MOSCARIELLO, 1985).

Conforme discutido por Souza (2014), a representação cinematográfica de qualquer acontecimento histórico, ao se basear na estética, muitas vezes pode priorizar a beleza da narrativa em detrimento da precisão histórica. Isso significa que o próprio formato do filme se torna parte do conteúdo histórico, desafiando a compreensão do passado. A linguagem visual do cinema intensifica essas questões, especialmente quando consideramos seu poder sugestivo. Por isso, atualmente, uma das principais características da cultura é o uso da estética na reconstrução de narrativas históricas, muitas vezes revisionistas, que oferecem interpretações particulares de certos eventos. Sabemos que as narrativas conferem significado ao tempo e que a construção deste sentido histórico é

complexa (RÜSEN, 2001, p. 163). Nesse contexto, a forma como a história é narrada também influencia sua relevância e função orientadora. A estética, portanto, desempenha um papel fundamental na maneira como a narrativa histórica é percebida, uma vez que busca influenciar a compreensão do conhecimento histórico por meio da subjetividade do espectador (RÜSEN, 2007).

Rüsen identificou esse fenômeno como "falha estética" (2007, p. 32), que ocorre quando uma narrativa utiliza recursos linguísticos para explorar as relações normativas estabelecidas por uma pessoa ou sociedade em relação à estética como um plano pré-cognitivo, influenciando assim uma ação específica no tempo. Portanto, a análise de uma narrativa cinematográfica deve ir além de sua qualidade historicamente precisa, levando em consideração também os elementos estéticos que influenciam sua argumentação.

Um exemplo recente desse tipo de abordagem nos debates públicos sobre a ditadura, enquadrado na categoria de "tendência apologética" ou "revisionismo apologético" (BAUER; NICOLAZZI, 2016), é o filme "1964 o Brasil entre armas e livros". Nesse filme, pode-se observar a intersecção entre a intencionalidade política e histórica nos usos explícitos do passado dentro das narrativas. Ou seja, os objetivos políticos envolvidos na apropriação e no uso de discursos revisionistas que levam a interpretações muitas vezes anacrônicas e sofisticadas do passado.

Tais discursos, considerando o panorama simplista apresentado pela produção historiográfica sobre a Ditadura, têm o potencial de serem aceitos e utilizados como referência. Assim como a narrativa mítica, ou seja, um mito político (GIRARDET, 1987) que se refere ao passado incorporando elementos históricos factíveis - pois, caso contrário, não teria significado se não estivesse relacionado à memória histórica do indivíduo.

O Brasil Paralelo compreende que a verdade é alcançada por meio do questionamento imparcial sobre a construção da realidade. Em relação à Ditadura Civil-militar, questiona-se uma narrativa dominante que, de acordo com a produtora, afirma que a história do golpe é apenas mais uma narrativa manipulada pelo poder político. Conforme destacado pela produtora, toda narrativa histórica está sujeita a uma perspectiva de poder quando está

relacionada à política, e o Brasil Paralelo se distingue ao romper com essa abordagem, adotando uma abordagem independente.

No caso da Ditadura, a produtora argumenta que há um monopólio científico da história que limita o surgimento de novas interpretações sobre o tema. Analisando esses pontos cruciais da abordagem histórica da produtora, percebemos que o Brasil Paralelo se enquadra no que Rösen (2015) define como uma consciência histórica crítica, que vai além do modo tradicional de interpretar o tempo.

Ao analisar o filme, percebemos que não se está falando diretamente sobre a Ditadura como regime, mas sim sobre os valores éticos enaltecidos pelo governo ao mesclar princípios militares com princípios cristãos, familiares, lógicos e técnicos, que foram reforçados pelo seu uso na validação do regime (REZENDE, 2013). Portanto, a narrativa construída pela produção sugere que a crítica à narrativa da esquerda acadêmica precisa levar em conta que essa crítica contribui para a manutenção de um estilo de vida que vai contra os valores morais defendidos. No entanto, esses valores não são algo recente na sociedade, eles têm raízes na época da Ditadura Civil-Militar.

Estudo sobre o livro "1964: O Brasil entre Armas e Livros": a importância da consistência estética na construção narrativa da história

Considerando as questões levantadas e os problemas teóricos apresentados, foi realizado um estudo de análise cinematográfica com base no referencial teórico destacado, tendo como foco principal o conceito de narrativa histórica (RÜSEN, 2007). A metodologia empregada no estudo incluiu a análise de conteúdo (BARDIN, 2012) e a análise de filmes (SOUZA, 2014).

O filme escolhido para análise foi "1964: O Brasil entre Armas e Livros", produzido pela Brasil Paralelo em 2019, devido à sua abordagem revisionista e apologética sobre o regime militar, que se encaixa no contexto da chamada "nova história" e apresenta uma postura anti-acadêmica declarada (MALERBA, 2014).

Uma outra justificativa reside na discrepância entre essa obra e outras produções realizadas por influenciadores do YouTube, como aquelas analisadas

por Carneiro (2018), as quais, embora compartilhem a mesma plataforma e apresentem elementos semelhantes na abordagem revisionista, distinguem-se na maneira como os autores do conteúdo são tratados. Dessa forma, a avaliação do filme foi realizada em duas fases. A primeira etapa consistiu na identificação dos autores, o contexto de produção, divulgação, as fontes e referências utilizadas pelo filme para fundamentar sua tese. Na segunda fase, foram examinados os discursos presentes no filme através de quatro pontos principais que sustentam a argumentação:

- 1) A presença do comunismo no Brasil pré-Regime;
- 2) A visão do Golpe dentro do contexto do Golpe Militar;
- 3) A justificativa da tortura como estratégia de guerra; e;
- 4) A influência cultural do comunismo no Brasil pós-regime.

Entretanto, antes de abordar a produtora e sua obra, é importante primeiro buscar compreender a Ditadura Civil-Militar na perspectiva dos seus criadores. É consenso que, independentemente da narrativa contada sobre a ditadura, o Golpe Militar deixou marcas profundas na memória e na história do Brasil. Mas e se o golpe nunca aconteceu? E se todos os eventos de fato ocorreram, porém a intenção por trás deles foi distorcida devido aos anos de controle dos centros de produção e divulgação do conhecimento? Vamos analisar a história pelo ângulo diferente apresentado pela Brasil Paralelo. Em 1964, o Brasil enfrentava um governo fortemente ligado aos ideais de esquerda que abraçavam as ideias comunistas vindas da União Soviética.

O chefe de estado, o então presidente João Goulart, teria até mesmo feito uma viagem à China buscando fortalecer relações com o governo comunista do país e apoiou as conhecidas reformas estruturais que, na visão da mídia tradicional nos anos 60, foram vistas como um desafio aos planos de desenvolvimento de um país que buscava se industrializar.

Nesse contexto de tensão, predominantemente social em vez de político, foram criadas as condições ideais para um golpe contra a democracia no país, um golpe de origem comunista. Diante desse panorama, as forças armadas brasileiras sentiram-se compelidas a agir antes que o golpe do lado oposto se concretizasse. Assim, tomaram o controle e purgaram todos os políticos ligados ao comunismo e à esquerda, garantindo que tal tentativa nunca fosse bem-sucedida.

Esse "resgate" do Brasil realizado pelo exército, embora considerado antidemocrático, foi justificado como essencial durante suas duas décadas de vigência para evitar qualquer ameaça por parte dessa vertente subversiva da política nacional. Contudo, como o foco das operações militares estava na luta física contratas forças, a oposição, ciente de sua impossibilidade de vencer pelo uso de armas, passou a se infiltrar profundamente na sociedade brasileira.

O governo militar foi encerrado, no entanto, os revolucionários de esquerda emergiram vitoriosos não simplesmente por esse motivo, mas sim por terem habilmente manipulado os valores da sociedade por meio da cultura e influenciado a forma como a memória daqueles tempos seria transmitida. O que foi mencionado acima é uma diferente interpretação da história, a qual, apesar de alarmante, serve para destacar uma característica essencial tanto da produção como dos seus idealizadores, que é a conspiração como base da crítica à verdade. Não é por acaso que um dos principais temas do filme, conforme descrito no parágrafo anterior, é retratado no título "o Brasil entre armas e livros". Por isso, é importante aprofundar o conhecimento sobre o Brasil Paralelo e a sua origem.

Em 2016, um coletivo de jovens em Porto Alegre (RS) fundou uma empresa em meio a uma crise política nacional, marcada pelos pedidos de afastamento da então presidente Dilma Rousseff. Surgindo nesse cenário, a empresa se apresentou e continua a se posicionar como uma nova fonte de conhecimento independente de recursos públicos, construída por indivíduos comprometidos e descontentes com as respostas oferecidas pela academia e pela ciência tradicional. O termo "ciência tradicional" é utilizado aqui para se referir às instituições de ensino superior que, de acordo com a visão do coletivo, detêm o monopólio na produção de conhecimento e, quando financiadas com recursos públicos, acabam gerando apenas conteúdos que atendem às demandas do governo.

Na visão da produtora, a verdade definitiva seria aquela que, ao revelar os métodos utilizados para estabelecer certa narrativa como verídica, como no caso do Golpe de 64, revelaria o que essa narrativa esconde, a verdade obscurecida. No documentário em análise, a hipótese apresentada pela produtora para justificar sua obra é que muitos historiadores, cientes ou não da influência que sofreram nas universidades, negligenciaram os arquivos da polícia secreta

Tcheca (StB) sobre os planos de desestabilizar a democracia brasileira através de ações dos agentes comunistas, com o objetivo de direcionar os rumos políticos do país para atender aos interesses da esquerda.

Por isso, a produtora se autodenomina como "totalmente independente e busca promover mudanças culturais por meio da Educação". Seu canal no Youtube, com o mesmo nome, tem mais de 1 milhão de inscritos, sendo o vídeo promocional do filme "1964: O Brasil entre armas e livros" o quarto mais assistido do canal, com mais de 7 milhões de visualizações. Por fim, o filme em si se tornou o segundo mais assistido no YouTube quando se busca por termos relacionados à Ditadura Militar no Brasil.

A partir da bibliografia exposta na linguagem, o livro 1964: o elo desaparecido: o Brasil visto pelos documentos do serviço de informações comunista se concentra no estudo dos arquivos da StB, a agência de inteligência da antiga Checoslováquia. O livro sugere que existia a intenção de causar instabilidade política no Brasil e facilitar a ascensão de políticos "comunistas" ao poder. A introdução do livro foi realizada pelos seus autores (Vladimir Petrilák e Mauro "Abranches" Kraenski), que argumentam que essa nova perspectiva fornecida pelas fontes no livro em relação aos estudos sobre a Ditadura no Brasil não foi explorada pelos pesquisadores do país em geral.

Dessa forma, foi mencionado Olavo de Carvalho como o único pesquisador que se dedicou a esse tema em seus estudos. Logo em seguida, Olavo de Carvalho apresenta indiretamente um estudo complementar ao seu anterior, intitulado A KGB e a Desinformação Soviética, explorando a origem da teoria de que o Golpe Militar brasileiro foi instigado pelos Estados Unidos, revelando ser uma estratégia da StB para encobrir suas atividades no país. Por fim, para exemplificar o sucesso da tese abordada no livro anterior, ele também faz referência ao livro do jornalista brasileiro Edmar Morel, intitulado O golpe começou em Washington.

Após uma análise rápida da literatura disponível sobre a influência tchecoslovaca, essa visão tem sido frequentemente utilizada pela "nova direita" como evidência do golpe comunista iminente no país. Tanto no Brasil quanto no Uruguai, os livros de Petrilák e Kreaenski foram referenciados em algum momento por essa nova direita, especialmente após Jair Bolsonaro ter mencionado nas redes sociais o livro "1964: o elo perdido". No entanto, os

autores utilizaram de forma superficial as fontes do Arquivo dos Serviços de Segurança (ABS), e não levaram em consideração o contexto ou os objetivos por trás da produção desses documentos (ZOUREK, 2020). Em relação à imprensa, os principais jornais citados foram: Correio do Amanhã; Tribuna da Imprensa; O Globo; e a Folha de São Paulo. Dentre esses, o Correio do Amanhã foi o mais explorado durante o documentário.

Ao serem rapidamente examinados no contexto de seu emprego no documentário, é indispensável salientar a ausência de precisão metodológica na utilização da imprensa como referência histórica. Esta observação é relevante pois, ao longo do longa-metragem, as manchetes dos jornais são exibidas durante as discussões, tanto os jornais identificados quanto os não identificados são apresentados de forma ilustrativa, corroborando, assim, com a tese exposta pelos participantes (DE LUCA, 2008).

A rápida exposição das fontes é uma característica marcante do filme, que além dos jornais, exhibe outros tipos de documentos escritos, assim como fotos e vídeos, de forma ilustrativa e dinâmica, combinando com o diálogo e a trilha sonora. As fotografias são a principal maneira de demonstrar o uso desses fragmentos de conteúdo ao longo do filme. Por exemplo, durante a discussão sobre a queda de João Goulart, “Jango”, a imagem de Auro de Moura, então presidente do Senado, é apresentada, enquanto uma edição de áudio encobre as vaias e os gritos contra ele, em meio a declaração sobre a vacância da presidência. Enquanto isso, flashes de vermelho com outras imagens sobrepostas surgem, como o emblema do PCB.

O longa-metragem usa essa justaposição de imagens de forma intencional para suprir as lacunas de sua própria argumentação. Por exemplo, as imagens dos jornais nem sempre são fontes confiáveis para embasar os argumentos apresentados, mas servem para ilustrar a ideia.

Prosseguindo com a avaliação dos temas abordados no filme, optamos por dividir o trabalho em quatro partes distintas, considerando os propósitos expostos e a argumentação utilizada, visando demonstrar de que maneira a organização dos conceitos reflete os aspectos fundamentais do mito político: a distorção da realidade para oferecer uma interpretação do momento atual que estimule a tomada de atitudes.

No início do documentário, são apresentados vários depoimentos e manchetes de sites de notícias sobre a recepção do público e a suposta censura ao conteúdo pela produtora. Isso explica a razão por trás do filme e do Brasil Paralelo, que se posiciona como uma fonte alternativa de informação independente e imparcial, promovendo a renovação e a inovação do conhecimento. O objetivo é mostrar a existência de um conhecimento desafiador em contraposição a uma interpretação tradicional.

No segundo bloco da narrativa, os contornos da futura tese sobre o envolvimento comunista na política internacional começam a ser delineados para o público. Isso é feito ao se iniciar a divisão temporal na Guerra Fria, destacando o clima de tensão da época, os excessos do regime soviético e a utilização da espionagem - especialmente as atividades da StB - como forma de adentrar no cenário nacional.

O terceiro segmento se apresenta para analisar o golpe no Brasil, argumentando sobre a existência de uma rede de espionagem do regime soviético, suficientemente organizada para potencializar a ameaça de uma revolução comunista no país. A partir dessa premissa, o filme explora a ideia de que o golpe foi uma resposta ao governo "esquerdista" de João Goulart, contextualizando a ditadura de Castelo Branco como algo paradoxalmente "abstrato" e "democrático", culminando no endurecimento do regime militar. Esse desdobramento agravou o cenário de guerra interna contra a guerrilha, justificando a tortura como uma estratégia de guerra, mesmo que tenha sido um equívoco cometido por ambos os lados.

Por último, no quarto e derradeiro segmento, o filme sugere que a redemocratização, apesar de ter sido uma conquista, também abriu caminho para uma possível alteração estratégica na atuação da "esquerda comunista" no país. O antagonista apresentado pela obra agora estaria envolvido em um embate cultural e ideológico, adentrando as instituições de ensino superior e a educação de forma abrangente, com apoio principalmente dos governos que surgiram após o processo de redemocratização.

No início, ao analisar os quatro segmentos do longa-metragem, é possível resumi-los de acordo com os propósitos que sustentam a sua argumentação, conforme analisado por Girardet (1987), da seguinte forma:

- 1) Explicação, para a demonstração de uma verdade superior;

- 2) Conspiração, que se desenrola de forma global e sutil;
- 3) Reabilitação, representando uma redenção realista diante do contexto histórico que ecoa até os dias atuais;
- 4) Progresso, indicando o movimento de renovação da conspiração através da atualização dos elementos que compõem o mito.

A defesa contra uma suposta verdade suprema é o que leva à proteção dessa suposta verdade mítica. A verdade escondida é defendida com a alegação de que existe uma verdade estabelecida, protegida por diferentes setores e grupos. Ao revelar essa alegada conspiração, a história do ocorrido no passado leva à necessidade de tomar uma posição no presente. Esse dilema, relatado no passado - mas que ainda é relevante no presente, guia uma ação baseada em uma visão distorcida do passado.

Durante esse procedimento, o mito inicial é renovado ao confirmar a verdadeira essência de sua meta-verdade em relação à inveracidade da verdade insatisfatória anteriormente aceita (GIRARDET, 1987). O enredo principal da história começa com uma retrospectiva dos acontecimentos que precederam o golpe. Esse argumento é introduzido com a análise das relações entre o ex-presidente João Goulart e o "comunismo" sem muitos detalhes. Nessa fase da história, é criada a imagem do governo Goulart como uma administração de tendência "esquerdista" e claramente apoiada pelo poder comunista da URSS. Os escritores ressaltam que a influência soviética no Brasil era tão forte que teriam ajudado, desde as eleições de Juscelino Kubitschek, seus líderes preferidos a chegar ao poder.

Eles apontam que, com base nos documentos da StB mostrados no documentário, havia evidências concretas de uma possível guerra civil, o que agravava a instabilidade política no país. Contudo, a situação política nos anos 1963 e 1964, a presença política do PCB, e a luta pelas reformas sociais apoiadas por João Goulart sugeriam, de forma muito simplificada e inconclusiva, um cenário pré-revolucionário no Brasil.

Chama a atenção a discussão acerca de uma constante ameaça "comunista" que causa instabilidade na política nacional no filme, resgatando apenas as teorias que foram utilizadas pelos militares naquela época. Apesar da ligação feita entre "esquerdismo" ou "comunismo" e João Goulart, e a ideia de que o Golpe de 64 teria surgido de um fracasso do "populismo".

A partir deste momento, o documentário inicia a explanação sobre a intensificação dos conflitos internos no exército, indicando uma possível preocupação de Castelo Branco com o avanço dos militares radicais, pois de acordo com a narrativa apresentada, os apoiadores de Castelo tinham o objetivo legítimo de apenas combater o problema comunista no país. No entanto, a análise realizada assemelha-se à teoria do "padrão moderador", que sugere uma colaboração entre o Estado e os militares. Os militares seriam convocados apenas para depor e transferir o poder para outro grupo político, atuando como uma força intervencionista temporária. Além disso, essa interpretação utiliza os supostos traços moderados e legalistas atribuídos a Castelo Branco para minimizar a ilegalidade do golpe em si e argumenta que a Ditadura só se consolidou após a saída de Castelo do governo (FICO, 2004).

Desenvolvida essa primeira percepção sobre o governo, sem profundas reflexões acerca do governo de Costa e Silva, mas destacando o apoio à tecnocracia, o filme revela uma longa passagem que foi fundamental para a justificação da repressão das guerrilhas. Segundo os narradores, o aumento do terrorismo como tática da esquerda radical contra o governo causou pânico e sensação de ameaça na população em geral.

Por outro viés, os rebeldes teriam feito uso dos falecidos em combate para construir a narrativa de que a tortura era uma política oficial. Essa tentativa de uma "humanização ideológica" das atrocidades praticadas pelo governo militar merece destaque. No longa-metragem argumenta-se que os excessos cometidos por ambas as partes do conflito foram equívocos característicos da guerra, de grupos antagônicos que não tinham interesse na democracia.

No próximo segmento, o filme enfatiza as mudanças culturais que aconteceram durante a época da ditadura. Os escritores elucidam o modo de operação da tática marxista dentro da cultura, visando dominar as instituições religiosas, os centros educacionais e os veículos de comunicação para desvirtuá-los com o intuito de minar os princípios tradicionais como família, religião, entre outros, que eram sustentados pelo regime autoritário.

A debilidade do argumento presente consiste em adotar a mesma tática da ditadura para se legitimar, vinculando os valores militares aos princípios considerados fundamentais pelo regime na estrutura política e cultural do Brasil (REZENDE, 2013). Após abordar essas transformações culturais e seu contexto,

o filme explora detalhadamente a ineficácia da censura, exatamente nessa perspectiva para ressaltar que a inoperância era tão grande que a propagação da ideologia "comunista" não foi contida.

A restrição, portanto, se mostrava caótica e flexível conforme apresentado no filme, atingindo alvos equivocados. Nessa parte do filme, é evidente o entendimento do significado da ideologia pelos autores, que, ao contrário de sua interpretação "forte" segundo o marxismo como "uma deturpação do pensamento proveniente dos conflitos sociais e que, ao mesmo tempo, os mascaram" (ESPIG, 2000, p. 152). Ou seja, ganharia um aspecto mais ameno na realidade, sendo a ideologia retratada no filme como um simples "conjunto de ideias e valores que têm a função de guiar os comportamentos em grupo" (ESPIG, 2000, p. 152). Curiosamente, a ideologia no contexto abordado pelo filme também passaria a influenciar os princípios culturais da ditadura e seus ideais tornando-se apenas um conjunto de ideias orientadoras do coletivo. Percebe-se nesse trecho do filme, a introdução necessária para a revisão dos elementos que compõem essa trama que será abordada pela narrativa futuramente com a volta da democracia.

No cerne da discussão sobre a censura, fica evidente sua inutilidade diante das mudanças culturais consideradas "negativas". Isso reflete o que Raoul, apontou como um ponto em comum nos mitos políticos - os propósitos da estrutura de poder - exemplificado no caso do comunismo em sua busca por dominar o Estado, controlar a propriedade privada, influenciar o sistema educacional e, principalmente, corromper os costumes, tradições e os valores éticos da sociedade por meio de sua "ideologia".

Considerações derradeiras

Mais instigante do que identificar as polêmicas na narrativa apresentada pelo Brasil Paralelo, é analisar como essa fragilidade foi superada pela conexão sofisticada entre o significado do evento narrado com a realidade do espectador a partir da perspectiva estética do pensamento histórico. Como mencionado anteriormente, a Ditadura Civil-Militar ainda é um tema delicado na história do Brasil por diversas razões, no entanto, ressaltamos as atuais dificuldades em

elaborar discussões mais aprofundadas sobre as permanências e mudanças resultantes desse período e seus discursos.

Com os progressos recentes na divulgação histórica no contexto da popularização da mídia, especialmente com o avanço da internet, novos agentes produtores de história — não necessariamente historiadores — puderam ingressar nesse ambiente digital para criar e compartilhar suas narrativas.

Analisando as influências, inclusive do meio acadêmico, para mostrar como os elementos que compõem uma narrativa revisionista na história podem ser aceitos pelo público. Na visão da produtora, o passado não é retratado como algo distante e historiado, favorecendo interpretações que conectam os eventos passados com ações planejadas que impactam o presente com motivações políticas. O filme explora a estética da Cultura Histórica para aumentar o impacto emocional da narrativa sobre um tema delicado, mesmo que as evidências utilizadas para fundamentar os argumentos sejam inconsistentes e insuficientes.

Percebe-se claramente que a narrativa do documentário está repleta de referências históricas, que permeiam toda a sua estrutura. Isso ocorre pois, logicamente, seria impossível estabelecer uma conexão profunda com a vida cotidiana da audiência se as perspectivas que guiam a narrativa não estivessem embasadas nas experiências temporais do espectador, viabilizando assim a receptividade e a apreciação dos elementos estéticos.

Como foi viabilizada a tática empregada na passagem da realidade para o mito, isto é, de que maneira os dados concretos são manuseados de forma a que, ao serem interpretados, se transformem em uma conclusão que culmina em uma meta-verdade sobre aquilo que já está definido.

Referências

AUER, Caroline Silveira; NICOLAZZI, Fernando Felizardo. O historiador e o falsário: Usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea. **Varia História**, v. 32, p. 807-835, 2016.

CARNEIRO, Anita Natividade. A história youtubada: a ditadura civil-militar brasileira no Youtube. Orientador: Caroline Silveira Bauer. 2018. Trabalho de conclusão de graduação (História: Bacharelado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2018.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: BASSANEZI PINSKY, Carla. **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

DE MELO, Demian Bezerra. Considerações sobre o revisionismo: notas de pesquisa sobre as tendências atuais da historiografia brasileira. In: **XII Conferência Anual da Associação Internacional para o Realismo Crítico**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense. 2009. p. 13.

DE MELO, Demian Bezerra. Ditadura “civil-militar”? controvérsias historiográficas sobre o processo político brasileiro no pós-1964 e os desafios do tempo presente. **Espaço plural**, v. 13, n. 27, 2012.

Filme 1964: O Brasil entre Armas e Livros. Direção: Filipe Valerim e Lucas Ferrugem. Produtora: Brasil Paralelo. **Youtube**. 2 de abril de 2019. 127 minutos. Disponível em. Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=PNyPESo6HvI> 19 de julho de 2024.

GIRARDET, Raoul. Mitos e mitologias políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GUTFREIND, Cristiane Freitas; RECH, Nathalia Silveira. A Memória em construção: a ditadura militar em documentários contemporâneos. **Em Questão**, v. 17, n. 2, p. 133-146, 2011.

LIDDINGTON, Jill. O que é história pública? Os públicos e seus passados. In: **Introdução à história pública**. Letra e Voz, 2011.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História? uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 7, n. 15, p. 27-50, 2014.

QUADRAT, Samantha Viz. É possível uma história pública dos temas sensíveis no Brasil? In: _____. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

RÜSEN, Jörn. Teoria da história: uma teoria da história como ciência. **Editores UFPR**, 2015.

REZENDE, Maria José de. A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade 1964-1984. Londrina: **Eduel**, 2013.

SOUZA, Eder Cristiano. Cinema e didática da história: um diálogo com o conceito de cultura histórica de Jörn Rüsen. **História Revista**, v. 17, n. 1, 2012.

_____. História viva: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.

_____. Razão histórica: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

Ronaldo dos Santos Leonel

Doutorando em EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA (PPGECM - UFPR). Mestre em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (PPGEECA - UEPA). Graduado em Educação do Campo com Habilitação Específica em Ciências da Natureza e Matemática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA/ CAMPUS ALTAMIRA (2015). Professor Efetivo da Educação Básica na Rede Municipal de Ensino em Altamira - Pará.

Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/7466158896459301>
